

Índice de Desenvolvimento Turístico Aplicado à Região Norte de Portugal

Tourism Development Index Applied to the Northern Region of Portugal

CARLOS PÊRA * [luispera@hotmail.com]

PAULA FERNANDES ** [pof@ipb.pt]

CLÁUDIA VELOSO *** [claudiamiranda@ipb.pt]

Resumo | O principal objetivo do presente estudo assentou em aplicar o índice de desenvolvimento turístico, desenvolvido por Coelho (2010), à Região Norte de Portugal - NUT II - e analisar o seu comportamento desde 2009. Pelos resultados obtidos pode dizer-se que a região NUT II Norte evoluiu da fase de exploração no ano 2009 para a fase de envolvimento no ano de 2010 e que é uma região que se encontra em crescimento como destino turístico dentro da fase de envolvimento. Espera-se que se verifique, uma continuidade deste crescimento e que a médio prazo a região NUT II Norte entre na fase seguinte do ciclo de vida de desenvolvimento turístico, que é a fase de desenvolvimento.

Palavras-chave | Índice de desenvolvimento turístico, turismo, NUT II Norte, ciclo de vida de um destino turístico, Portugal

Abstract | The main aim of this study was based on applying the tourism development index, developed by Coelho (2010), to the North of Portugal - NUT II - and analysing its behaviour since 2009. Results showed that NUT II North region has evolved from the exploration stage in 2009 to involvement stage in 2010 and is a region that is growing as a tourism destination in the involvement stage. It is expected that there will be continuity of this growth. And, that in the medium term the NUT II North region enters the next phase of the Tourism Area Life Cycle, which is the development phase.

Keywords | Tourism development index, tourism, NUTS II North, tourism area life cycle, Portugal

* **Doutor** em Economia e Gestão pela Universidade de Valladolid (Espanha). **Professor** Coordenador no Instituto Politécnico de Bragança. Coordenadora Científica da Unidade de Investigação Aplicada em Gestão (UNIAG) e investigadora no Núcleo de Estudos em Ciências Empresariais (NECE-UBI).

** **Doutor** em Economia e Gestão pela Universidade de Salamanca (Espanha). **Professora** Adjunta no Instituto Politécnico de Bragança e na Universidade de Aveiro. Membro Investigadora na Unidade de Investigação Aplicada em Gestão (UNIAG).

*** **Mestre** em Gestão das Organizações pelo Instituto Politécnico de Bragança.

1. Introdução

O turismo identifica-se como sendo um importante sector de atividade que tem contribuído para o desenvolvimento dos territórios (Gannon, 1994). A atividade turística tem sido considerada ao longo dos tempos como uma mais-valia, tanto para os países desenvolvidos, como para os em via de desenvolvimento (William, 1996). Segundo Briedenhann e Wickens (2004) o turismo tornou-se no motor de desenvolvimento de todo o mundo, a diversos níveis, como o económico, social e ambiental, gerando desta forma emprego, criação e revitalização de infraestruturas.

À semelhança do que se tem vindo assistir a nível mundial o mesmo tem acontecido com o turismo em Portugal, em que Portugal e as suas respetivas regiões estão na 'moda' e tem-se tornado visível o aumento significativo do número de visitantes que se deslocam a Portugal nos últimos anos. A região NUT II Norte de Portugal tem acompanhado esta tendência crescente. Este comportamento pode ser reflexo de ser uma região diversificada em termos físicos e socioeconómicos, com um vasto leque de recursos e produtos turísticos que, constituem uma imagem forte e de elevado potencial turístico. Desde o ano de 2009 tem-se assistido a um desenvolvimento de esforços no sentido de uma maior divulgação e promoção da região, por parte das entidades oficiais de âmbito local regional e nacional.

Assim, pretende-se com o presente trabalho perceber este fenómeno do turismo, numa região tão rica em termos sociais, culturais, históricos e económicos, como é a região NUT II Norte. Para tal, vai aplicar-se o índice de desenvolvimento turístico na região Norte, onde o principal objetivo

assenta em analisar o comportamento do mesmo, desde 2009, bem como verificar qual o posicionamento da região NUT II Norte no Ciclo de Vida de um Destino Turístico. Este índice foi desenvolvido por Coelho (2010). Para a construção do índice foi necessário recorrer a fontes externas para a obtenção de dados estatísticos, de forma a analisar e estudar a região NUT II Norte no período de 2009 a 2014.

O presente trabalho, após a presente introdução, encontra-se dividido em quatro pontos: no segundo ponto descreve-se o Índice de Desenvolvimento Turístico. Segue-se a apresentação dos fatores determinantes do Índice de Desenvolvimento Turístico; seguindo-se a aplicação prática do mesmo, no quarto ponto. No último ponto, apresentam-se as conclusões mais pertinentes do presente estudo.

2. Descrição do Índice de Desenvolvimento Turístico

O modelo de desenvolvimento que tem sido mais utilizado para explicar a evolução dos destinos, é o modelo proposto por Butler (1980, 1993), designado de *Tourism Area Life Cycle* (TALC). Para Coelho (2010) deve-se determinar um indicador complexo (Índice de Desenvolvimento Turístico), que identifique a fase do ciclo de vida em que se encontra um destino turístico, onde os fatores 'condições turísticas', 'população residente' e 'turistas estrangeiros', assumem um papel essencial neste contexto.

Sistematizando, o Índice de Desenvolvimento Turístico (IDT) de um destino, segundo Coelho (2010), vem dado por:

$$IDT_{jt} = \sum_{i=1}^n \frac{1}{n} \left(\frac{\frac{D_{ijt}}{P_{jt}}}{\frac{D_{iTt}}{P_{Tt}}} \right) \times \left(\frac{T_{jt}}{T_{Tt}} \right) \quad [1]$$

onde:

IDT_{jt} = Índice de Desenvolvimento Turístico do destino j , no momento t ;

D_{ijt} = Variáveis consideradas (i) como característica do destino j , no momento t ;

P_{jt} = População do destino j , no momento t ;

T_{jt} = Turistas do destino j , no momento t ;

n = Quantidade de variáveis consideradas das condições turísticas do destino (13 variáveis);

t = Momento de tempo considerado (1 ano ou períodos maiores);

$D_{iTt} = \sum_{j=1}^W D_{ijt}$ = Total da variável i de todos os destinos j , no momento t ;

$P_{Tt} = \sum_{j=1}^W P_{jt}$ = Total de população dos destinos considerados, no momento t ;

$T_{Tt} = \sum_{j=1}^W T_{jt}$ = Total de turistas dos destinos considerados, no momento t ;

W = Quantidade dos destinos considerados em cada análise;

$\frac{D_{ijt}}{P_{jt}}$ = Efeito médio das condições turísticas i na população residente no destino j , no momento t ;

$\frac{D_{iTt}}{P_{Tt}}$ = Efeito médio das condições turísticas i na população total dos destinos considerados, no momento t ;

$\frac{T_{jt}}{T_{Tt}}$ = Importância do mercado turístico j no total dos destinos considerados, no momento t .

Segundo Coelho (2010) as relações obtidas e apresentadas na Equação 1 indicam que o índice possui uma relação diretamente proporcional à quota de mercado de turistas e à quota do destino no total das condições dos destinos considerados e inversamente proporcional à população do destino, pelo que se garante a característica de um modelo gravitacional. Refere ainda que ao se relativizar um destino através da utilização da relação entre a sua população e a população total dos destinos em análise, vai diluir-se os efeitos enviesantes da dimensão aquando das comparações, uma vez que globalmente haverá uma proporcionalidade entre todos os destinos, no que às pessoas diz respeito. O fator qualitativo determinante deste índice é D_{ijt} , porque são as variáveis que per-

mitem valorizar o destino, num determinado momento, isto é, operacionalizar a qualidade de vida dos destinos, quer para a população residente, quer para os turistas (Coelho, 2010).

A partir do valor do IDT calculado é possível identificar as fases em que cada destino turístico se encontra num contexto concorrencial, ou seja, avaliar a fase do ciclo de vida de cada destino, comparativamente aos restantes destinos concorrentes, no caso da avaliação de diferentes destinos, ou avaliar a fase do ciclo de um destino, comparativamente à sua evolução relativa a dois períodos distintos, no caso da avaliação de um único destino (Quadro 1). Conforme Coelho (2010) os resultados numéricos do IDT sugerem que, quando estes se apresentam baixos, está-se na fase de exploração

(apresenta crescimento muito moderado), quando esses valores são altos, está-se nas fases de consolidação (apresenta um crescimento moderado ou muito moderado) e estagnação (apresenta um crescimento muito moderado ou nulo). Quando esses valores se apresentarem com números inter-

médios, posicionam-se nas fases de envolvimento (apresenta um crescimento moderado) e desenvolvimento (apresenta um crescimento forte). Por fim, existe também a fase de declínio (apresenta um decrescimento, ao longo do tempo em análise).

Quadro 1 | Fases do TALC em função dos valores do IDT e inclinação da reta tangente ao modelo.

Fases do Ciclo de Vida	Valores do IDT	Inclinação da Reta Tangente
Exploração	0 < IDT < 0,194	0.º < IDT < 11.º
Envolvimento	0,194 ≤ IDT < 0,577	11.º ≤ IDT < 30.º
Desenvolvimento	0,577 ≤ IDT < 1,401	30.º ≤ IDT < 90.º
Consolidação	1,401 ≤ IDT ≤ 3,019	11.º < IDT < 45.º
Estagnação	IDT > 3,019	0.º ≤ IDT ≤ 11.º
Declínio	IDT (t) > IDT (t+1)	-90.º < IDT < 0.º

Fonte: Coelho (2010, p. 470).

3. Fatores Determinantes do Índice de Desenvolvimento Turístico

3.1. As Condições Turísticas

O termo “condições turísticas” é por norma utilizado para caracterizar determinado lugar, e “Um lugar deve ser vendido, em primeiro lugar, aos seus habitantes” (Alan et al., 2007, pp. 242-243; citado por Coelho, 2010, p. 215).

Coelho (2010) entende um destino turístico como aquele onde convivem residentes e turistas, como tal, é necessário perceber que tipos de “condições turísticas” se devem considerar. Tanto se pode estar em presença de condições para a “população residente”, como de condições para a “população turística”, ou de condições que satisfaçam ambas as populações. Contudo, também se deve ter em conta a criação de condições físicas. Ou seja, mais investimento em capital fixo significa aumento de riqueza para o destino. As condições serão sempre condições de atração e/ou de fixação,

as de atração são as que motivam a visita e as de fixação motivam visitante a permanecer mais ou menos tempo num determinado lugar. Estas duas vertentes de condições formam para o destino turístico um “mix de condições”, a quem compete atrair e fixar as diferentes populações, quer a residente, quer a turística (Coelho, 2010).

Para Johnston (2001), as características de um *resort* (destino) são as seguintes: Recursos básicos (ambientais, culturais); Serviços (acomodações, diversões, saúde, habitação); Governação (serviços públicos, infraestruturas, documentos estruturais).

Bansal e Eiselt (2004) defendem que outro fator importante é a imagem do destino, a qual assenta na evolução de cinco características de benefício ou valores para o consumidor: funcional, social, emocional, epistemológico e condicional.

Kim (2002) considera a população local como elemento essencial para o sucesso de um destino turístico, na medida em que a sustentabilidade do turismo depende da forma como a comunidade local se relaciona com os turistas. Mas deve distinguir-se a população residente da população

nativa, uma vez que podem ter comportamentos diferentes, onde a população residente é toda aquela que mantém habitualmente a sua residência no local considerado e a população nativa pode ou não residir no local (Coelho, 2010). Segundo Coelho (2010) esta diferença pode explicar parte das diferentes reações que os residentes possuem perante os visitantes.

Para Amelung e Viner (2006), também no futuro o clima continuará a ser um importante fator *push* e *pull*.

Para Butler (2000, 2008), diferentes ambientes (costa, montanha e natureza) como potenciais destinos turísticos (ou potencial turístico dos destinos) atraem, em períodos diferentes, diferentes populações.

Andriotis (2006) considera que as fracas infra-estruturas, acessibilidades e comunicações, contribuem para as curtas estadias e o atraso no desenvolvimento. Butler (1993), partilha da mesma ideia na medida em que argumenta que a falta de serviços públicos contribui para concentrar o desenvolvimento em determinados lugares.

Tendo presente o anteriormente referido, no presente trabalho vão considerar-se as seguintes condições turísticas: Áreas Protegidas; Património Histórico Classificado; Alojamento turístico; Atividades de Diversão; Assistência Médica; Parque Habitacional; Parque Habitacional; Segurança; Acessibilidades internas; Formação dos Recursos Humanos; Entidade Responsável pelo sector turismo na NUT II Norte; e, Planos de Urbanização.

3.2. O Perfil de Turista

O perfil do turista que visita a região NUT II Norte de Portugal, vai ser feito tendo em conta apenas os dados disponíveis para o período do estudo pelo Turismo de Portugal e pelo Instituto Nacional de Estatística e dados cedidos pelo aeroporto Francisco Sá Carneiro, são eles:

- Hóspedes e dormidas em estabelecimentos hoteleiros, aldeamentos e apartamentos turísticos e outros;
- Taxas de ocupação cama e quarto;
- Chegadas de passageiros por país de origem ao aeroporto do Porto.

O TOP dez por nacionalidade do número de hóspedes para o período em estudo vem pela seguinte ordem: Portugal, Espanha, França, Brasil, Alemanha, Itália, Reino Unido, Holanda, EUA, Bélgica, nos anos de 2009 e 2010, o décimo lugar era ocupado pela Suíça, mas nos anos 2011 e 2012 os hóspedes oriundos da Rússia aumentaram de forma considerada. O TOP dez por nacionalidade do número de dormidas para o período em estudo vem pela seguinte ordem: Portugal, Espanha, França, Brasil, Alemanha, Reino Unido, Itália, Holanda, Bélgica, EUA, os anos de 2009 e 2010, o décimo lugar era ocupado pela Suíça, mas em 2011 e 2012 foi superado pela Rússia.

A taxa de ocupação cama, nos anos 2009 e 2010, apresentou valores mais elevados nos estabelecimentos Hotéis-Apartamentos, seguida das Pousadas e só depois vêm os Hotéis de 3, 5, 4 e 2 estrelas.

Nos anos 2011 as Pousadas registaram maior afluência, seguido dos Hotéis-apartamento e dos Hotéis de 4, 5, 3 e 2 estrelas e em 2012 as Pousadas registaram também maior afluência, seguido dos Hotéis de 5, 4, 3 e 2 estrelas, e só depois vem os Hotéis-apartamentos. Quanto à taxa de ocupação, esta foi mais elevada, nos anos de 2009 e 2010, nos Hotéis-apartamentos, seguindo-se os Hotéis, e nos anos 2011 e 2012 registou valores mais elevados nos Hotéis de 5, 4, 3 e 2 estrelas.

No que respeita às chegadas de passageiros por país de origem ao aeroporto do Porto apresenta-se pela seguinte ordem (há apenas troca de lugares entre a Suíça e o Reino Unido e a Holanda e o Brasil) nos anos do período em estudo: França, Espanha, Portugal, Alemanha, Suíça, Reino Unido, Itália, Bélgica, Holanda, Brasil e Luxemburgo. Feita

esta análise pode dizer-se que o Turista que mais visita e que mais dorme a região NUT II Norte de Portugal é o turista Português, seguido do Espanhol, Francês, Brasileiro e Alemão.

Assim a região NUT II Norte é essencialmente visitada no seu TOP três por Turistas Portugueses, Espanhóis e Franceses, que nos anos 2009 e 2010 dormiam maioritariamente em Hotéis-apartamento e Pousadas, e nos anos 2011 e 2012 dormem maioritariamente em Hotéis e Pousadas.

3.3. Análise Descritiva das Variáveis do Índice de Desenvolvimento Turístico

Dada a impossibilidade de reunir todas as variáveis necessárias propostas e utilizadas por Coelho (2010), adaptou-se a quantificação do valor do IDT, tendo-se delineado os seguintes elementos referentes ao destino:

- Ano de análise: 2009, 2010, 2011, 2012;
- Destino turístico em análise: região NUT II Norte;
- Variáveis: de acordo com as apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 | Lista de variáveis e indicadores utilizados para o cálculo do IDT (adaptado) (cont.).

N.º	FATOR	VARIÁVEL	INDICADOR	UNIDADE DE MEDIDA	FONTE
1	População (P)	População	População Residente, local residência	N.º inteiro	INE
2	Turistas (T)	Turistas Estrangeiros	Número de Chegadas de Turistas Estrangeiros ao aeroporto Francisco Sá Carneiro	N.º inteiro	ANA-Aeroportos de Portugal
3		Áreas Protegidas	Área Ocupada	%	Instituto de Conservação da natureza e das Florestas
4		Património Histórico Classificado	Quantidade de monumentos históricos classificados pela UNESCO	N.º inteiro	UNESCO
5		Alojamento turístico	Quantidade de camas no total dos empreendimentos turísticos	N.º inteiro	INE
6	Condições Turísticas do Destino (D)	Atividades de Diversão	Total de Empresas de Animação Turística	N.º inteiro	Turismo de Portugal
7		Assistência Médica	Quantidade de Médicos Existentes	N.º inteiro	Direção Geral de Administração e do Emprego Público
8		Parque Habitacional	Habitacões existentes com água, saneamento e eletricidade	%	INE
9		Segurança	Número de Polícias e GNR ao serviço	N.º inteiro	PSP; GNR

Tendo em conta que em certos casos não foi possível encontrar dados referentes para a aplicação das variáveis inicialmente propostas pelo autor do IDT, seguiu-se a possibilidade também defendida pelo mesmo autor, de se utilizarem outras variáveis, tendo presente o seu efeito direto (Coelho, 2010). Foram selecionadas nalguns casos variáveis alternativas e noutros indicadores alternativos, tendo sempre por base os pressupostos inici-

almente definidos.

Por ausência de dados referentes ao número de turistas estrangeiros registados, optou-se por utilizar como indicador o número de chegadas de turistas estrangeiros ao aeroporto Francisco Sá Carneiro para rematar a variável turistas, tendo este indicador sido solicitado à ANA (Aeroportos de Portugal, S.A.).

No que respeita ao indicador quantidade de

Quadro 2 | Lista de variáveis e indicadores utilizados para o cálculo do IDT (adaptado) (continuação).

N.º	FATOR	VARIÁVEL	INDICADOR	UNIDADE DE MEDIDA	FONTE
10		Acessibilidades internas	Número de Quilómetros de autoestrada e/ou IC entre as cidades	Km	IMTT
11	Condições Turísticas do Destino (D)	Formação dos Recursos Humanos	Quantidade dos Recursos Humanos a trabalhar no setor do Turismo	N.º inteiro	INE
12		Entidade Responsável pelo sector turismo na NUT II Norte	Promoção feita ao sector e apoio ao Turista	N.º inteiro	TPNP, ER
13		Planos de Urbanização	Área de reabilitação urbanística	N.º inteiro	INE

Fonte: Adaptado de Coelho (2010, p. 247).

camas de hotéis de 4 e mais estrelas, optou-se por utilizar como indicador a quantidade de camas no total dos empreendimentos turísticos, visto apresentar-se como mais abrangente, para obter a variável alojamento turístico. Este indicador foi obtido através do Instituto Nacional de Estatística e é definido como ‘camas nos estabelecimentos hoteleiros, aldeamentos e apartamentos turísticos, por NUTS II e por tipologias’.

Referente ao indicador quantidade de eventos de promoção internacional e dado a falta de dados para o mesmo, optou-se também por substituí-lo pelo indicador total de empresas de animação turística, para criar a variável atividades de diversão e que foi obtido através do Turismo de Portugal.

A variável parque habitacional em vez do indicador habitações existentes com água, saneamento e eletricidade, e dado também a falta de dados sobre o mesmo, optou-se por substituí-lo pelo indicador população com água segura, que foi obtido através do INE.

A variável policiamento foi substituída pela variável segurança, visto que quer uma quer outra acabam por traduzir a segurança do destino turístico, e o indicador desta variável, quantidade de polícias de natureza pública e não militar, foi substituído pelo indicador número de polícias (Polícia de Segurança Pública) e de GNR (Guarda Nacional Republicana) ao serviço. Os dados foram obtidos junto das instituições da Polícia de Segurança Pública e da Guarda Nacional Republicana.

O indicador quantidade de quilómetros de estrada asfaltada foi substituído pelo indicador número de quilómetros de autoestrada e/ou Itinerário complementar entre as cidades, uma vez que é mais representativo e real daquilo que o turista quer, pois não serve de muito ter muita estrada asfaltada se a mesma não tem qualidade.

O Indicador quantidade de recursos humanos com formação em turismo, dada a falta de dados sobre o mesmo optou-se por substituí-lo pelo indicador quantidade de recursos humanos a trabalhar no setor turismo para ultimar a variável formação dos recursos humanos e que foi obtido através do INE.

A variável informação e comunicação e o respetivo indicador quantidade de ligações de Internet, foram ambos substituídos por falta de informação, pela variável que é a Entidade Responsável pela promoção do Setor Turismo na NUT II Norte e o respetivo indicador Promoção Feita ao Setor ao nível de feiras de carácter nacional e internacional, bem como brochuras de promoção. Os Dados foram obtidos junto da instituição responsável, a Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal.

Na variável planos de urbanização, o seu indicador foi substituído por falta de informação e para o efeito foi substituído pelo indicador áreas de reabilitação urbanística, o qual foi obtido através do INE.

4. Aplicação do Índice de Desenvolvimento Turístico à Região Norte de Portugal

O cálculo do Índice de Desenvolvimento Turístico do destino NUT II Norte de Portugal, para os anos do período em estudo para comparação de evolução no mesmo período foi realizado tendo por referência os dados das variáveis selecionadas e apresentadas no Quadro 3. Os valores relativos respeitantes a cada variável para o cálculo do IDT para região NUT II Norte no período em estudo

estão apresentados no Quadro 4.

A região NUT II Norte apresenta como valores de IDT (adaptado), para o ano 2009 um valor de 0,1845, o que aplicando o valor calculado de acordo com as Fases do TALC em função dos valores do IDT e inclinação da reta tangente ao modelo (Quadro 1), conclui-se que o destino neste ano se encontra na fase de Exploração. Esta informação pode ser visualizada no Quadro 4.

Quadro 3 | Variáveis e valor do IDT na região NUT II Norte no período em análise.

Ano	CONDIÇÕES TURÍSTICAS											POPULAÇÃO	HÓSPEDES
	AP	PC	AT	AD	AM	PH	S	A	RH	ERS	PU		
	%	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º		
2009	11,94	4	38 827	13	8 218	97,2	10 189	1 097	5 890	25	3	3 705 980	2 229 523
2010	11,94	4	38 386	35	8 573	96,18	10 008	1 035	5 851	7	2	3 693 585	2 609 592
2011	11,94	4	4 0156	52	8 513	97,04	9 977	1 097	6 139	10	5	3 687 224	2 963 476
2012	11,94	4	41 831	52	8 667	97,32	9 675	1 254	6 069	13	13	3 666 234	2 987 076

Nota: AP – Área Protegida; PC – Património Histórico Classificado; AT – Alojamento Turístico; AD – Atividades de Diversão; AM – Assistência Médica; PH – Parque Habitacional; S – Segurança; A – Acessibilidades; RH – Recursos Humanos; ERS – Entidade Responsável pelo Setor; PU – Planos de Urbanização.

Quadro 4 | Valores relativos de cada variável e valor do IDT para a região NUT II Norte no período em análise.

Ano	CONDIÇÕES TURÍSTICAS - VALORES RELATIVOS %											POPULAÇÃO	HÓSPEDES	VALOR DO IDT
	AP	PC	AT	AD	AM	PH	S	A	RH	ERS	PU			
2009	25	25	24,39	8,55	24,19	25,07	25,57	24,47	24,59	45,45	13,04	3,98	20,66	0,1845
2010	25	25	24,11	23,03	25,24	24,81	25,11	23,09	24,43	12,73	8,70	3,99	24,19	0,1940
2011	25	25	25,22	34,21	25,06	25,03	25,04	24,47	25,63	18,18	21,74	4,00	27,47	0,2532
2012	25	25	26,28	34,21	25,51	25,10	24,28	27,97	25,34	23,64	56,52	4,02	27,68	0,2981

Nota: AP – Área Protegida; PC – Património Histórico Classificado; AT – Alojamento Turístico; AD – Atividades de Diversão; AM – Assistência Médica; PH – Parque Habitacional; S – Segurança; A – Acessibilidades; RH – Recursos Humanos; ERS – Entidade Responsável pelo Setor; PU – Planos de Urbanização; IDT – Índice de Desenvolvimento Turístico.

Exploração	$0 < \text{IDT} < 0,194$
Envolvimento	$0,194 \leq \text{IDT} < 0,577$
Desenvolvimento	$0,577 \leq \text{IDT} < 1,401$
Consolidação	$1,401 \leq \text{IDT} \leq 3,019$

A fase de Exploração no modelo TALC, do pensamento de Butler (1980) caracteriza-se por: Poucos turistas (visitantes procurando aspetos naturais e culturais diferentes); Inexistência de instalações apropriadas; Grande contacto com os locais; Sem influenciar o meio social; Pouco efeito económico.

Segundo Tooman (1997), as visitas são limitadas e casuais por parte de poucos turistas. Existe um contacto com a população local de grau elevado, o uso das suas comodidades, mas com baixo impacto económico e social.

Pode ainda referir-se que Moore e Witehall (2005) caracterizam-na como não havendo atrações direcionadas ao turista.

Numa análise empírica a região NUT II Norte no ano de 2009, encontra-se ainda na primeira de seis fases de evolução de um destino turístico, fase de exploração. Pode dizer-se que é a fase em que o turismo não foi promovido nem se procedeu a investimentos significativos e que se refletissem na atividade turística. Neste ano em termos de alojamento na região o que mais existia eram pensões, e empresas de animação turística existiam apenas 13. A variação de dormidas anuais de estrangeiros é de -5,10%. A região é essencialmente visitada por turistas nacionais. Neste ano a região era visitada por poucos turistas, e estes pouco compravam, as instalações tinham pouca qualidade.

Para os anos 2010, 2011 e 2012, a região NUT II Norte apresenta como valores de IDT (adaptado), 0,1940; 0,2532; e 0,2981 respetivamente, tal como se pode observar no Quadro 4. Calculando o valor de acordo com as fases do TALC em função dos valores do IDT e inclinação da reta tangente ao modelo (Quadro 1), conclui-se que o destino neste ano se encontra na fase de Envolvimento. Fase esta onde se constata o aumento do número de visitantes, a melhoria dos acessos e condições de recetividade e começa a surgir a promoção do turismo com maior preocupação.

Segundo Butler (1980) a fase de Envolvimento caracteriza-se de acordo com: Aumento de visitan-

tes com carácter de regularidade; Maior contacto entre turistas e visitantes; Adaptação de instalações para turistas; Aumento do número de residentes envolvidos nas atividades turísticas e de restauração; Início de publicidade e criação de espaços comerciais, a época turística começa a determinar a vida dos que com ela estão envolvidos; Primeiras pressões sobre os governos locais para melhorar os transportes e outras instalações para os turistas.

Da análise empírica da região NUT II Norte verifica-se que é a partir do ano 2010, que o IDT da região NUT II Norte tem registado um crescimento até ao ano 2012. Facto este que poderá ter como grandes causas, por um lado a criação e linhas orientadoras do Plano Estratégico Nacional de Turismo em 2006, que começa a dar resultados, e por outro lado a reforma feita no setor do turismo no ano 2008 com a criação das novas Entidades Regionais de Turismo, através do Decreto-Lei n.º 67/2008 de 10 de abril, e a sua entrada em funcionamento no ano 2009. O turismo passa a ser gerido por NUT II. Houve também a criação do Decreto-Lei 39/2008 de 7 de março que estabelece o novo regime jurídico da instalação, exploração e funcionamento dos empreendimentos turísticos, que pretende que se ofereça mais qualidade.

Deve salientar-se, também, o aumento do número de empresas de animação turística, o aumento do número de quilómetros de autoestradas e itinerários complementares entre as cidades.

Em geral na região começa a notar-se um crescente envolvimento da população com a atividade turística, que vê no turismo uma oportunidade de negócio. A cidade do Porto é o primeiro exemplo disso na região NUT II Norte, como referência das suas atrações. Começam também a surgir outras referências e atrações da região, são criados roteiros, e assim consegue-se que o número de turistas na região seja cada vez maior.

Segundo Prideaux (2000), nada garante que todos os destinos passem por cada uma das fases, admitindo-se que alguns destinos não passem da

primeira fase. Para Tooman (1997), são as fases de exploração e envolvimento, pela maior participação dos locais, aquelas que apresentam maior crescimento.

Urtasun e Gutiérrez (2006), referem que os impactos nas comunidades locais levam a uma melhoria da qualidade de vida nas fases iniciais do desenvolvimento turístico, mas alcançado o limite de capacidade de carga começam a surgir mudanças negativas.

Dos resultados obtidos com a aplicação do IDT, verifica-se através da análise do ciclo de vida do destino em estudo, a região NUT II Norte, que primeiramente se encontrava na fase de Exploração e de seguida passou para a fase de Envolvimento, e aí se mantém em crescente, encontra-se ainda no início da sua caminhada até à fase de consolidação turística.

5. Conclusões

Com o presente trabalho pretendia-se realizar uma análise da evolução do Índice de Desenvolvimento do Turístico da NUT II Norte, tendo em conta a dinâmica estrutural anterior e posterior da entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 39/2008 de 7 de março. Este decreto estabeleceu o novo regime jurídico da instalação, exploração e funcionamento dos empreendimentos turísticos o qual menciona o período de dois anos para todos os empreendimentos se reconvertermem a este novo regime. Assim para o estudo são analisados dois anos antes do fim da reconversão de todos os empreendimentos turísticos, e dois anos depois, o período em estudo é de 2009 a 2012.

Dos resultados obtidos do tratamento e análise dos dados recolhidos, para esta região, as principais conclusões foram as seguintes:

- no índice utilizado no estudo, o Índice de Desenvolvimento Turístico, foram aplicados ao IDT dados reais, o qual ostenta confir-

mar este índice como adequado para medir a avaliação do desenvolvimento turístico de uma região;

- no ano de 2009 a região NUT II Norte posicionou-se na fase de exploração (IDT=0,194);

- a região NUT II Norte é uma região que se encontra em crescimento como destino turístico, dentro da fase de envolvimento que atingiu no ano de 2010. No ano de 2012, o valor de IDT na região NUT II Norte registou um valor mais elevado continuando a posicionar-se na fase de envolvimento. Espera-se que se verifique, uma continuidade deste crescimento, que a médio prazo a região NUT II Norte entre na fase seguinte do ciclo de vida de desenvolvimento turístico, que é a fase de desenvolvimento. Pode aqui destacar-se pela positiva o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal.

Pode dizer-se que o turismo é uma atividade que tem vindo a crescer em Portugal, e na região NUT II Norte, tendo a cidade do Porto sido no ano de 2012 distinguida pela “*European Consumers Choice*” como o ‘Melhor Destino Europeu 2012’.

Mas há ainda caminho a percorrer, apesar de em termos de acessibilidades a região já estar com ligações que favorecem comunicações entre os locais. No que respeita às infraestruturas específicas de turismo, exceto a região do grande Porto, a restante NUT II Norte tem défice das mesmas.

Para Coelho (2010) independentemente dos principais motivos de atração dos destinos (“sol e praia”, montanha, neve, cidade, campo), têm de existir outras condições de atracção e fixação, pois caso contrário, esgotado ou satisfeito o primeiro motivo e nada mais havendo, os turistas ir-se-ão embora. Neste caso, torna-se necessário criar mais motivos de fixação na região NUT II Norte para

que esta região se torne mais competitiva.

Referências

- Alan, A.L., Hall, C. M., & Williams, A. M. (2007). *Compendio de Turismo. Col. Ciência e Técnica. Ed. Instituto Piaget*. Lisboa.
- Amelung, B., & Viner, D. (2006). Mediterranean tourism: exploring the future with the Tourism Climatic Index. *Journal of Sustainable Tourism*, 14 (4), 349-366.
- Andriotis, K. (2006). Hosts, Guests and Politics: coastal resorts morphological change. *Annals of Tourism Research*, 33 (4), 1079-1098.
- Bansal, H., & Eiselt, H. (2004). Exploratory research of tourism motivations and planning. *Tourism Management*, 25, 387-396.
- Briedenhann, J., & Wickens (2004). Tourism routes as a tool for the economic development of rural areas-vibrant hope or impossible dream. *Tourism Management*, 25, 71-79.
- Butler, R. (1980). The concept of a tourist area cycle of evolution: Implications for management of resources. *Canadian Geographer*, 24 (1), 5-12.
- Butler, R. (1993). Tourism Development in Small Islands: past influences and future directions. *The development process in small island states*. D.G. Lockhart, D. Drakakis-Smith and J. Schembri, eds., 71-91. London: Routledge.
- Butler, R. (2000). Tourism and the environment: a geographical perspective. *Tourism Geographies*, 2 (3), 337-358.
- Butler, R. (2008). The Relevance of the Tourism Area Life Cycle (TALC) to Sustainable Destinations. *II Congresso Internacional de Turismo de Leiria e Oeste*. Peniche, 26-27 de Novembro. Portugal.
- CCDRN (2008). *Plano de Ação para o Desenvolvimento Turístico do Norte de Portugal*. Consultado a 29 de Abril de 2014, em www.ccdr-n.pt.
- CNU. (2014). *Comissão Nacional da Unesco*. Consultado em 10 de junho de 2014, em www.unescportugal.mne.pt.
- Coelho, J. (2010). *Un Índice de Desarrollo Turístico basado en el Ciclo de Vida de un Destino (Vol I)*. Tese de Doutoramento. Universidade de Extremadura, Badajoz, Espanha.
- Decreto-Lei n.º 39/2008 de 7 de Março, 1.ª série - N.º 48 - 7 de Março de 2008.
- Gannon, A. (1994), Rural Tourism as a Factor in Rural Community Economic Development for Economies in Transition. *Journal of Sustainable Tourism*, 2, 51-61.
- ICNF (2014). *Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade*. Consultado a 2 de Maio de 2014, em www.icnf.pt/portal/naturaclas/ap/p-nat/pndi/hist-cult
- IMTT (2014). Instituto da Mobilidade dos Transportes Terrestres – *Rede Nacional Autoestradas*. Consultado a 1 de Maio de 2014, em www.imtt.pt.
- INE. (2009 a 2014). Anuários Estatísticos da Região Norte. *Instituto Nacional de Estatística*. Consultado a 2 de Abril de 2014, em www.ine.pt.
- Johnston, C. (2001). Shoring the foundations of the destination life cycle model, part 1: ontological and epistemological considerations. *Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment*, 3 (1), 2-28.
- Kim, K. (2002). *The effects of tourism impacts upon Quality of Life of residents in community*. Dissertation to Doctor of Philosophy in Hospitality and Tourism Management. Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg.
- Moore, W., & Witehall, P. (2005). The tourism area lifecycle and regime switching models. *Annals of Tourism Research*, 32 (1), 112-126.
- Prideaux, B., (2000). The role of the transport system in destination development. *Tourism Management*, 21, 53-63.
- Tooman, L. (1997). Applications of the life-cycle model in tourism. *Annals of Tourism Research*, 24 (1), 214-234.
- Turismo de Portugal (2009 a 2012). *Proturismo – Quadros Estatísticos*. Consultado em 20 de Abril de 2014, em www.turismodeportugal.pt
- Turismo de Portugal, I. P. (2006). *Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT)*. Consultado em 24 de Abril de 2014, em www.turismodeportugal.pt
- Urtasun, A., & Gutiérrez, I. (2006). Tourism agglomeration and its impact on social welfare: an empirical approach to the Spanish case. *Tourism Management*, 27, 901-912.
- William, G. (1996). *Tourism development, Tourism development: principles, processes, policies*. Oxford Elsevier-Butterworth-Heinemann, England.